

UMA ANÁLISE DOS FATORES DETERMINANTES DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL EM 2019

Maria dos Santos Marques¹
Keuler Hissa Teixeira²

RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar como as características individuais influenciam os determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil a partir do modelo *logit*, usando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019. Especificamente, pretende-se analisar qual é o papel destes fatores pessoais e localização na definição da probabilidade individual de tornar-se empreendedoras. Os principais resultados indicam que, no Brasil, existem efeitos significativos sobre as probabilidades para mulheres serem empreendedoras com base em suas características únicas, como raça, faixa etária, nível de instrução, número de moradores, rendimento domiciliar per capita, TV, computador, internet, fatores locacionais.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino, modelos *logit*, Brasil.

Código JEL: J21, J24, L26

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how individual characteristics influence the determinants of female entrepreneurship in Brazil based on the logit model, using microdata from the 2019 National Household Sample Survey (PNADC). role of these personal factors and location in defining the individual probability of becoming entrepreneurs. The main results indicate that, in Brazil, there are significant effects on the probabilities for women to be entrepreneurs based on their unique characteristics, such as race, age group, education level, number of residents, per capita household income, TV, computer, internet, locational factors.

Keywords: Female entrepreneurship, logit models, Brazil.

JEL Classification: J21, J24, L26

Área temática: 11 - Empreendedorismo, redes, arranjos produtivos e inovação

¹ Mestranda em Economia pelo Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: marquesmaria123@outlook.com

² Professor Associado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) e do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email: keulerhissa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um tema que ganhou destaque e que se tornou um fenômeno global na economia atual com um grande interesse científico, por causa de sua influência econômica internacional, do surgimento de novos negócios e ideias, e do seu impacto no emprego. Além disso, a discussão da relação entre o empreendedorismo com o desenvolvimento econômico e social dos países reforça a importância dessa temática (CARPINTÉRO; BACIC, 2001; CARREE; THURIK, 2010).

Na visão de Dolabela (2008), um empreendedor é uma pessoa descontente que usa sua inconformidade como um motor para buscar descobertas e conselhos positivos para si e para os outros, é alguém que gosta de trilhar por novos caminhos, e acha que suas ações terão impacto. O autor sustenta que um empreendedor é alguém que acredita que pode mudar o mundo. Nesse estudo, adota-se o conceito proposto pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), que define empreendedorismo como “aquele indivíduo que realizou esforços concretos na tentativa de criação de um novo empreendimento, como por exemplo uma atividade autônoma, ou uma empresa, seja ela formalizada ou não, bem como a expansão de um negócio já existente” (GEM, 2017, p. 6).

Nos últimos anos, no Brasil, a proporção total dos empreendedores aumentou de 21%, em 2002, para 36%, em 2016 (GEM, 2016). Estudos e investigações do empreendedorismo com base no gênero, vem se mostrando importante, uma vez que as mulheres estão criando cada vez mais empresas, embora ainda constituam uma porcentagem menor entre o campo do empreendedorismo (MACHADO et al, 2008). Quando comparado aos homens, o número de negócios geridos por mulheres é significativamente menor, o que tem explicações complexas.

A discriminação de credores e consumidores contra mulheres empreendedoras é uma explicação que pode ser oferecida para explicar por que as mulheres representam uma porcentagem menor do que os homens envolvidos no empreendedorismo (MINNITI; NAUDÉ, 2010; PÉREZ; HERNÁNDEZ, 2016; FOSSEN, 2011). Outra explicação é que as mulheres são menos propensas a solicitar empréstimos devido ao medo de rejeição. No mesmo contexto, devido ao medo do fracasso, falta de confiança em si mesmas e dificuldades percebidas, as mulheres são menos propensas a usar ferramentas de apoio financeiro (COLEMAN, 2007; PÉREZ; HERNÁNDEZ, 2016).

As mulheres enfrentam diversas barreiras no mercado de trabalho como salários mais baixos, falhas nas políticas sociais, dificuldades no desenvolvimento da carreira, dupla jornada, falta de voz nas tomadas de decisão e de poder. Esses e outros obstáculos que a maioria das mulheres enfrentam são motivos pelos quais algumas optam por deixar seus empregos atuais e iniciar um negócio na esperança de alcançar o sucesso (MUNHOZ, 2000).

Em decorrência da conquista de espaço no mercado de trabalho, as atenções têm se voltado para o papel da mulher, principalmente da empreendedora, não só pelas condições de trabalho em que se encontram, mas também pela conhecida dupla jornada de trabalho, que inclui muitas responsabilidades, mas pelo desempenho e os resultados alcançados (NASSIF et al, 2011). Segundo a literatura, as mulheres percebem no empreendedorismo vantagens como maior liberdade, realização, autonomia e independência financeira, além de um impacto positivo na satisfação com as atividades empreendedoras. Em geral, algumas das características que ajudam uma mulher a ser empreendedora são, por exemplo, que ela seja mais sensível, empática, comprometida e prestativa (SILVEIRA; GOUVÊA, 2008; AMORIM; BATISTA, 2012).

Segundo o relatório realizado pelo *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM (2022), no Brasil, as mulheres correspondem a 45,4% dos empreendedores iniciais, o que não é diferente da maior parte dos países, que o desenvolvimento de novos empreendimentos apresenta uma predominância masculina, quando se trata de empreender, as mulheres ainda enfrentam

desvantagens em relação aos homens (SILVEIRA; GOUVÊA, 2008). Para Román e Brändle (2016), isso é uma questão histórica, de que desenvolver competências e habilidades empreendedoras está associado à imagem da figura masculina.

Para Navarro e Jiménez (2016), características como idade, classe social, capital, ideologia e formação acadêmica ou profissional podem estimular ou dificultar a capacidade empresarial das mulheres. Ainda segundo os referidos autores, os fatores externos incluem: a abrangência geográfica da atividade, acesso a capital, setores econômicos e burocracias.

Além disso, as mulheres tendem a lidar com os múltiplos papéis que desempenham tanto no âmbito familiar quanto profissional e, mesmo assim, são capazes de encontrar soluções para situações imprevistas mesmo quando estão sobrecarregadas de atividades familiares (STOLCKE, 1980). Portanto, detalhes da sociedade em que o indivíduo vive e sua realidade também devem ser levados em consideração, pois características empreendedoras, modelos de gestão, definição de metas, motivações para empreender e as realidades enfrentadas pelas mulheres podem mudar de acordo com o ambiente social espacial que as cercam (MORENO, 2016).

Dado o exposto acima, o objetivo deste estudo é analisar como as características individuais ao qual estão inseridos, influenciam os determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil a partir do modelo *logit*, usando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), em 2019, do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Especificamente, pretende-se analisar a probabilidade individual das mulheres tornarem-se empreendedoras em função das características econômicas e sociais a partir de suas razões de chances, no ano de 2019.

Além desta introdução, o referido estudo está organizado por uma revisão da literatura sobre empreendedorismo feminino que será apresentada na seção seguinte. Em seguida, apresenta-se a metodologia e os dados usados nessa pesquisa, posteriormente, é exposto a análise dos resultados, e por fim, as considerações finais são apresentadas.

REVISÃO DA LITERATURA

Para autores como Fillion (1999), Degen (2009), Casson (2010), Martes (2010), o empreendedorismo é visto como um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento econômico regional e dos países. Para os autores citados, a ênfase no empreendedorismo decorre da geração de empregos e riquezas geradas por indivíduos que atuam na oportunidade, no risco e na determinação de buscar resultados lucrativos.

Para Dornelas (2003), o conceito de empreendedorismo refere-se a um comportamento que envolve procedimentos organizacionais que permitem às empresas trabalhar de forma colaborativa em direção a um objetivo comum, ou seja, a identificação de novas oportunidades de negócios por meio da sistematização de iniciativas internas voltadas para a inovação.

A motivação para empreender segundo o *Global Entrepreneurship Monitor - GEM* (2004), pode ser por necessidade ou oportunidade. O empreendedorismo por oportunidade, é aquele em que o empreendedor cria um negócio com planejamento prévio, tem em mente o que espera alcançar com essa iniciativa e se empenha em produzir riqueza, empregos e lucros, além de está relacionado ao desenvolvimento econômico. Por sua vez, o empreendedorismo por necessidade, o candidato se aventura por falta de opção de trabalho. Esses negócios são criados sem planejamento, fracassando bem rápido, agravando as estatísticas de abertura e mortalidade de negócios, e sem gerar desenvolvimento econômico (GEM, 2004).

Estudos sobre os fatores que influenciam o empreendedorismo nas economias em desenvolvimento por autores como Armington e Acs (2002), Carree e Thurik (2008) e Kangasharju (2000) sugerem que tanto as características pessoais de um indivíduo quanto às características regionais influenciam sua decisão de se tornar um empreendedor. Existem

características que aumentam e outras que diminuem a probabilidade de se tornar um empreendedor devido a fatores socioeconômicos e geográficos, respectivamente (MENEZES, et al. 2015).

Ainda, conforme descrito por Menezes et al. (2015), foram realizados trabalhos importantes para a economia por Gifford (1993), Eisenhower (1995), Baumol (2000), Douglas e Shepherd (2002), Solow (2007) que afirmam que é preciso ter uma melhor compreensão do empreendedorismo, pois sua conexão com a criação e execução de novos processos produtivos e tecnologias é central para a compreensão da teoria econômica.

A economia empreendedora é recente, e um dos autores proeminentes é o Parker (2009), que liga o empreendedorismo à economia e categoriza a teoria do empreendedorismo por meio de modelos baseados na microeconomia e na macroeconomia.

De acordo com Serpa et. al (2022), existem duas abordagens macroeconômicas principais para estudar o empreendedorismo e o crescimento econômico. A primeira abordagem é baseada na riqueza, propondo desenvolver a economia através da acumulação de riqueza através do autoemprego, promovendo assim o crescimento e encorajando o empreendedorismo. Nesse processo, o papel do empresário é o de um capitalista que contrata trabalhadores, financia e faz investimentos, incentivando assim os trabalhadores que recebem um salário a deixar seus empregos e trabalhar por conta própria. A segunda abordagem envolve tecnologia, com os empreendedores respondendo aos incentivos gerados pela mudança tecnológica.

Mas é, em um contexto microeconômico, que nos deparamos com o grande desafio de entender quais variáveis são importantes, e como elas afetam as escolhas individuais, de ser empreendedor ou não (VIEIRA; JACINTO, 2013). De acordo com Menezes et al. (2015), a microeconomia fornece conceitos para analisar a tomada de decisão da carreira empreendedora, mostra-se, extremamente, eficaz na interpretação dos determinantes que influenciam as escolhas de carreira e, também, define, do ponto de vista econômico, o papel dos agentes em preferir ser empreendedores quanto empregados, dado que maximizam sua utilidade esperada.

Para Serpa et. al (2022), há uma série de fatores microeconômicos que influenciam os indivíduos que buscam emprego como autoempregados, ou empreendedores, esses aspectos incluem fatores físicos, psicológicos e comportamentais do indivíduo que afetam a decisão de se tornarem autoempregados (idade, raça, gênero, ou etnia, grau de escolaridade, habilidades pessoais, atitudes e comportamentos).

Os trabalhos de Castanhar (2007), Barros e Pereira (2008) e Audretsch et al. (2015) discutem os efeitos positivos do empreendedorismo no crescimento e desenvolvimento econômico de nações e regiões por meio do aumento das oportunidades de emprego e arrecadação de impostos. Diante disso, o empreendedorismo é um tema de grande importância para os economistas e ganhou força nos últimos anos devido ao fato de que o Brasil vive atualmente mudanças significativas no mercado de trabalho.

Os estudos de Faggio e Silva (2014) sobre os fatores que influenciam o empreendedorismo nas economias desenvolvidas mostram que além das características pessoais do agente, que levam em consideração o ambiente em que vive o empreendedor, as características regionais também desempenham um papel significativo na determinação da prosperidade econômica de um país, ou região.

Segundo Parker (2018), as características de um indivíduo, como sua aversão ao risco, sua experiência anterior de trabalho, seu nível de escolaridade, seu capital humano, sua idade, bem como aspectos únicos de sua personalidade, pode influenciar sua escolha de ocupação quando se pensa em empreendedorismo. Outro fator importante diz respeito às características regionais, como os incentivos fornecidos por políticas públicas para estimular a instalação de empresas. Se há oportunidades para pequenos negócios, as taxas de desemprego da região são fatores que afetam se alguém escolhe trabalhar como assalariado ou iniciar seu próprio negócio (BLAU 1987; ÁCS; AUDRETSCH 2011; REYNOLDS et al. 1994).

Segundo Furdas e Kohn (2010), Grilo e Thurik (2006) e Parker (2018), de forma semelhante ao que ocorre no mercado de trabalho, a questão de gênero vem recebendo grande atenção. Numerosos estudos foram conduzidos para determinar se as diferenças de rendimentos entre homens e mulheres em relação ao trabalho assalariado também se aplicam aos empreendedores.

Com base nesse objetivo, Bernat et al. (2017) destacam em sua pesquisa uma série de fatores relacionados à decisão de um indivíduo em se tornar um empreendedor, bem como as características que mostram uma diferença de gênero na atividade empresarial na América Latina. Como resultado, um modelo *logit* é usado para estimar a atividade empreendedora de acordo com três diferentes definições de empreendedorismo. Além disso, a diferença de gênero foi estimada usando a metodologia de decomposição de Fairlie. Foi observado que as diferenças nas características observáveis representam entre 23% e 38% da disparidade geral de gênero.

A realização de uma análise que leve em conta as diferenças de gênero envolvidas no tema em questão é tão significativa quanto o estudo do empreendedorismo como um todo. Segundo alguns autores, são inúmeros os contextos e situações em que ocorre o empreendedorismo feminino. Para uma compreensão mais aprofundada desta questão, que tem implicações para indivíduos, comunidades e economias, é necessário levar em consideração informações de instituições acadêmicas, organizações profissionais, meios de comunicação e tomadores de decisões políticas (BRUIN; BRUSH; WELTER 2007; MINNITI; NAUDÉ 2010).

Rosa et al. (2020) afirmam que, para compreender plenamente a inserção das mulheres no empreendedorismo em nível regional, é preciso primeiro entender o quão heterogêneo o Brasil é em termos de indicadores econômicos, sociais e culturais. Essas diferenças regionais também se manifestam na atividade empreendedora, e levar em conta essas características nos ajuda a compreender melhor o empreendedorismo feminino no país.

O conceito de empreendedorismo feminino é de natureza multidisciplinar, incorporando características culturais, econômicas, psicológicas, sociais e até ambientais. Além disso, a relação entre as mulheres e sua atividade empreendedora é sensível a uma variedade de fatores, cada um com diferentes níveis de intensidade (HALIM; RAZAK, 2014; PÉREZ; HERNANDEZ, 2016).

O aumento significativo do número de mulheres trabalhando fora de casa criou um novo campo de pesquisa interessado em entender se as trabalhadoras, gerentes e empresárias diferem de seus colegas do sexo masculino. É sabido que os empreendedores masculinos e femininos têm muito em comum. No entanto, embora algumas origens e traços de personalidade sejam muito semelhantes, existem diferenças significativas entre os sexos em termos de motivação para entrar no negócio, ponto de partida e habilidades empresariais (HISRICH; PETERS, 2004).

Em todos os países desenvolvidos, em relação ao gênero e empreendedorismo, as mulheres ainda são minoria quando comparadas aos homens. Embora, o número de mulheres que trabalham por conta própria esteja aumentando, as mulheres enfrentam diferentes barreiras e oportunidades no mercado de trabalho. Outra explicação é que as mulheres entram no empreendedorismo para escapar da discriminação em oportunidades de trabalho remunerado, enquanto os homens buscam avançar a carreira no empreendedorismo (SERPA et. al, 2022).

Para Serpa et.al (2022), alguns dos motivos que influenciam a decisão de uma mulher empreender e o tipo de empreendedorismo que essas escolhem, envolvem questões culturais, sociais e econômicas. O casamento, a necessidade de cuidar dos filhos e lidar com seus múltiplos papéis, e o cuidado familiar são fatores que podem influenciar a desigualdade de gênero em nossa sociedade. Ao contrário dos homens, as mulheres estão envolvidas no empreendedorismo em pequena escala e em regime de tempo parcial. As mulheres empreendem mais por necessidade do que por oportunidade; isso pode acontecer por vários motivos: realizações pessoais, decepções com empregos atuais, mudanças nas circunstâncias pessoais

como morte ou separação de um cônjuge, ou até mesmo a necessidade de buscar outras formas de aumentar a renda, ou de sustentar sua família, ou a si mesmo (PARKER, 2009; MACHADO et al., 2003).

Para Almeida et al. (2011), motivos como a necessidade de complementar a renda familiar, a autorrealização e a busca pelo trabalho informal motivam as mulheres brasileiras a trabalhar, e por conta disso, a participação de mulheres no empreendedorismo no Brasil está aumentando. A participação feminina no empreendedorismo no Brasil é sinal de maior poder econômico, e o crescimento do país tem se beneficiado da contribuição do empreendedorismo feminino. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), as mulheres já respondem por 39% dos empregos empresariais no Brasil (JONATHAN, 2011; IBGE, 2018).

Para Serpa et. al (2022), o empreendedorismo feminino é uma forma de gerar renda diante do desemprego em nosso país. Além disso, é assim que as mulheres assumem múltiplos papéis em nossa sociedade. Com base em um modelo de escolha ocupacional, seu estudo analisou os determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil, por meio de microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, usando uma estratégia empírica, e um modelo de escolha discreta para estimar a escolha de carreira. Os resultados mostram que a escolaridade, se há crianças menores de 10 anos no domicílio e estado civil têm efeitos significativos.

Destacando o crescente número de mulheres no empreendedorismo, Silva et al. (2016) realizaram uma análise para entender as características do empreendedorismo no Brasil, como as mulheres ingressam no empreendedorismo e determinar seu perfil empreendedor. O método emprega uma abordagem quantitativa descritiva, de corte transversal utilizando dados primários com aplicação por questionário com 49 perguntas para uma amostra de 109 mulheres empresárias. Após a análise dos dados, concluiu-se que as empresárias eram mulheres experientes, com alto nível de escolaridade, casadas, autônomas e com dificuldade de financiamento. Observou-se que mulheres precisam de mais conhecimentos de gestão e habilidades técnicas para melhor administrar seus negócios.

Nesse contexto, Merhy et al. (2017), analisaram a atuação das mulheres na atividade empreendedora olhando para as diferenças de gênero para poder entender melhor o fenômeno como um todo. Considerando o empreendedorismo em economias com diferentes níveis de renda, usando dados secundários do *Global Entrepreneurship Monitor* para 107 economias, e análise econométrica por meio da aplicação de dados em painel. Os resultados mostraram que as variáveis estudadas afetam a participação feminina no empreendedorismo de formas diferentes, e a relevância da análise por continente e localidade, também se mostrou importante, pois apresentou resultados diversos na análise do empreendedorismo feminino.

METODOLOGIA E BASE DE DADOS

Estratégia empírica

A metodologia utilizada teve como fundamento o trabalho de Serpa et.al (2022). De maneira geral, os modelos de escolha discreta podem ser entendidos como modelos nos quais a variável dependente é dicotômica. Nesse contexto, a ocorrência dessa variável pode ser interpretada como o resultado da decisão do indivíduo entre duas opções: se tornar ou não um empreendedor. Os modelos de escolha discreta foram desenvolvidos para criar modelos de probabilidade discretos com base na maximização da utilidade. Com esse modelo, é possível estimar os parâmetros da função de utilidade observando as escolhas feitas por diferentes indivíduos. Quando a escolha é binária, geralmente estima-se um modelo Probit ou Logit. A

diferença entre esses modelos reside no termo de perturbação aleatória, que pode seguir uma distribuição normal ou logística.

Neste estudo, será adotado um modelo Logit para estimar e avaliar os determinantes do empreendedorismo feminino, levando em consideração um conjunto de fatores individuais. Portanto, a variável dependente é representada por uma variável categórica que assume o valor um se o indivíduo do sexo feminino for classificado como empreendedor, e zero caso contrário. A função especificada é a probabilidade desse indivíduo estar ou não diante de sua condição ocupacional, a qual depende de um conjunto de características individuais. O termo de distúrbio é representado por ε_i e segue uma distribuição logística. Assim, a função de probabilidade condicional do modelo Logit é expressa como:

$$Pr(y_i = 1|x_i) = G(x_i) = \frac{\exp(x_i\beta)}{1+\exp(x_i\beta)} \quad (1)$$

O termo $G(.)$ representa a função de distribuição acumulada de uma distribuição logística. Portanto, y_i assume o valor um se a pessoa for empreendedora e zero caso contrário. O vetor x_i contém as variáveis explicativas relacionadas às características individuais, como gênero, idade, demografia, status socioeconômico e local de residência.

A estimação do modelo é realizada usando o método de máxima verossimilhança. Esse método seleciona estimativas dos parâmetros desconhecidos que maximizam o valor da função de verossimilhança. A função de verossimilhança do modelo Logit é expressa como:

$$L(\beta) = \sum_i^N \left\{ y_i \ln \left(\frac{\exp(x_i\beta)}{1+\exp(x_i\beta)} \right) + (1 - y_i) \ln \left(\frac{\exp(x_i\beta)}{1+\exp(x_i\beta)} \right) \right\} \quad (2)$$

Os coeficientes obtidos através do método de máxima verossimilhança não podem ser interpretados diretamente da mesma forma que os coeficientes estimados pelo método de Mínimos Quadrados Ordinários. Isso ocorre porque o modelo Logit é não linear devido à presença da função não linear $G(.)$. Portanto, o valor absoluto dos coeficientes não possui um significado econômico direto. Em vez disso, as informações relevantes dos coeficientes estimados estão relacionadas ao seu sinal e à sua significância estatística.

Diferente do modelo de regressão linear convencional, o qual permite a partir do coeficiente β a estimação do efeito direto das variáveis explicativas na variável dependente, na regressão logística, os parâmetros encontrados não correspondem exatamente ao efeito do regressor sobre a variável preditora, pois esse efeito também depende da probabilidade de o evento não ter ocorrido (GREENE, 2020; CAMERON; TRIVEDI, 2005). Assim, uma maneira de interpretar o modelo Logit é por meio dos efeitos marginais na razão de chance (*odds ratio*), ou seja, da razão de probabilidade de o evento ocorrer sobre a probabilidade deste não se concretizar. Assim, tem-se que a razão de chances a favor da ocorrência de um fato é dada por:

$$Odds = \frac{Prob(Y=1|x)}{Prob(Y=0|x)} = \frac{\exp(x_i\beta)/[1+\exp(x_i\beta)]}{1/[1+\exp(x_i\beta)]} = \exp(x_i\beta) \quad (3)$$

Linearizando, tem-se que

$$\ln \frac{p}{1-p} = x_i\beta$$

Para avaliar o ajustamento do modelo de regressão logística, recorre-se ao teste de Hosmer-Lemeshow, que é um teste que avalia comparando as frequências observadas e estimadas da amostra. Para este trabalho, a ajustabilidade dos modelos em relação aos dados os

testes serão realizados usando uma variante do teste de Hosmer-Lemeshow encontrado em Archer e Lemeshow (2006).

Base de dados e variáveis de estudo

A amostra que será utilizada neste trabalho provém dos microdados da Pesquisa Nacional de Amostra por domicílios contínua de 2019 (PNADC-2019). A variável dependente de interesse será definida como o empreendedorismo, onde assume-se o valor 0 para os não-empresendedores e 1 para aqueles considerados empresenedores. Serão considerados como empresenedores os indivíduos nas categorias “conta própria” e “empregador”; os considerados não-empresenedores os que recaíram nas categorias “empregados”, “trabalhador doméstico”, “trabalhador na construção para uso próprio”, “trabalhador não-remunerado membro de unidade domiciliar” e “outro trabalhador não-remunerado” (SERPA et.al, 2022).

As demais variáveis relacionadas à residência serão tratadas de forma independente na análise, sejam contínuas ou discretas. As respostas dos residentes adultos serão categorizadas para garantir que as expectativas lineares relacionadas à deficiência não sejam violadas. Portanto, será utilizado na análise: 1 - Número de moradores no domicílio (0 - um morador, 1 - dois moradores, 3 - três ou quatro ou mais moradores); 2 - Cor ou raça da pele (branca, preta, parda, outra); 3 - Renda domiciliar per capita (abaixo de R\$ 500, 500 - 1000 reais, 1000-1500 reais, 1500-2500 reais, 2500-5000 reais, mais de 5000 reais).

Variáveis individuais respondidas por respondentes de referência domiciliar também serão consideradas como variáveis independentes. Isso incluiria o seguinte conjunto de variáveis: 1 - idade do residente ou faixa etária (18-24, 25-34, 35-44, 45-54, 55-64); 2 - ter internet (sim, não); 3 - ter computador em casa (não, sim); 4 - ter televisão em casa (não, sim); 5 - código de situação censitária (rural, urbana); 6 - Trabalhando horas (até 15 horas, 15-39 horas, 40-44 horas, 45-48 horas, mais de 49 horas); 7 - nível de instrução (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio completo, ensino superior) e 8 – Macrorregião (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste).

Todas as variáveis domiciliares ou individuais serão consideradas como efeitos independentes nos modelos de regressão múltipla. As variáveis de gênero (feminino, masculino) serão tratadas como modificadores de efeito, e o termo de interação será ajustado para todas as variáveis que possuem essa variável de sexo. O Quadro 1 a seguir apresenta a descrição completa das variáveis individuais relacionadas à ocupação.

Quadro 1: Variáveis utilizadas.

Variável	Categorias
Empreendedorismo ¹	Sim
	Não
Sexo	Masculino
	Feminino
Número de moradores no domicílio	Um
	Dois
	Três ou quatro
	> Quatro
Faixa etária	18-24 anos
	25-34 anos
	35-44 anos
	45-54 anos
	55-64 anos
Cor ou raça	Branca
	Não-branca ²
Possui TV?	Sim
	Não
Possui internet?	Sim
	Não
Possui computador?	Não
	Sim
Situação do domicílio	Rural
	Urbana
Horas efetivas em todos os trabalhos	Não trabalha
	<15 horas
	15-39 horas
	40-44 horas
	45-48 horas
>49 horas	
Renda domiciliar per capita em R\$	<R\$500
	R\$500 - R\$1000
	R\$1000 - R\$1500
	R\$1500 - R\$2500
	R\$2500 - R\$5000
>= R\$5000	
Nível de instrução mais elevado	Fundamental incompleto
	Fundamental completo
	Médio completo
	Superior
Macrorregião	Norte
	Nordeste
	Sudeste
	Sul
	Centro-Oeste

Fonte: Elaboração própria. (1) Se na posição na ocupação do Trabalho era “Empregador” ou “Conta própria”. (2) Todos aqueles que declararam ser da raça ou cor preta, parda, amarela ou indígena.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta uma análise descritiva das variáveis demográficas e socioeconômicas usadas nesse estudo. Observa-se uma maior proporção de homens e mulheres em áreas urbanas, respectivamente, 82,6% e 89,6%, em comparação com áreas rurais, 17,4% e 10,4%, respectivamente. A maioria dos participantes se identifica como não-branca 54,9% do total, com uma ligeira predominância de homens. A proporção de mulheres brancas é um pouco maior do que a de homens brancos, 47,5% e 43,8%, respectivamente. Observando a faixa etária, verifica-se que a faixa mais representada está entre 34 e 44 anos, com aproximadamente, 28%, tanto para homens quanto para mulheres. Também, constata-se uma maior presença de mulheres na faixa etária de 25 a 34 anos, 25,4%, e, 22,2% para os homens.

Com respeito ao nível de instrução, verifica-se que a categoria referente ao fundamental incompleto possui a maior proporção, representando 35,2% do total. Mulheres têm uma proporção maior de níveis de instrução mais elevados, com 40,5% (Médio completo) e 26,2% (Superior) em comparação com homens. Em relação ao total de residentes no domicílio, a maioria dos indivíduos convive com três ou quatro moradores no domicílio, 54,6% do total, em que a proporção de homens e mulheres é semelhante em todas as categorias dessa característica. Observa-se uma maior proporção de mulheres com menos de 15 horas efetivamente trabalhada em todos os trabalhos, 15,8%, em comparação com homens, 6,0%. Homens têm uma representação maior na faixa de mais de 49 horas, 24,2% em comparação com mulheres 16,8%.

Analisando a faixa de renda domiciliar per capita, constata-se que a categoria com maior proporção está entre o intervalo igual e superior a R\$ 2500 e menor que R\$ 5000, 30,5% do total. As mulheres, têm uma representação maior nas faixas de renda mais altas, como "acima de R\$ 5000, 33,2%, em comparação com homens, 28,0%. Homens têm uma proporção maior na faixa de renda mais baixa, inferior a R\$ 500, 3,9%, em comparação com mulheres 3,6%. Ao se observar o estrato da distribuição regional, verifica-se que região Nordeste possui a maior proporção de participantes (41,7% do total), seguida pela região Sudeste (24,9%). As diferenças entre homens e mulheres nas diferentes regiões são pequenas e não seguem um padrão claro.

A maioria dos participantes possui TV (96,6%) e Internet (87,7%). Observa-se uma maior proporção de mulheres com acesso à Internet (92,1%) em comparação com homens (85,4%). Homens têm uma proporção maior de posse de computador (55,1%) em comparação com mulheres (45,8%).

Tabela 1: Percentual ponderado de indivíduos empreendedores (empregadores ou conta-própria), estratificados por sexo, em uma amostra de brasileiros adultos ocupados na semana de referência na PNADC de 2019, (n=26.360.257).

Variável	Categoria	Homens n= 17.270.407	Mulheres n= 9.089.850	Total n= 26.360.257
Total		33,6	23,3	29,2
Situação do domicílio	Rural	17,4	10,4	14,9
	Urbano	82,6	89,6	85,1
Raça	Não-Branca ¹	56,2	52,5	54,9
	Branca	43,8	47,5	45,1
Faixa etária	18-24 anos	7,7	8,2	7,9
	25-34 anos	22,2	25,4	23,3
	34-44 anos	27,6	28,3	27,8
	45-54 anos	24,8	23,6	24,4
	55-64 anos	17,6	14,5	16,6
Nível de instrução	Fundamental incompleto	41,0	24,0	35,2
	Fundamental completo	11,6	9,3	10,8
	Médio completo	32,7	40,5	35,3
	Superior	14,7	26,2	18,7
Número de moradores no domicílio	Um	7,8	4,5	6,7
	Dois	19,4	22,7	20,5
	Três ou quatro	54,1	55,5	54,6
	>Quatro	18,7	17,3	18,2
Faixa de horas efetivas em todos os trabalhos	<15 horas	6,0	15,8	9,4
	15-39 horas	22,7	34,9	26,9
	40-44 horas	37,4	26,4	33,6
	45-48 horas	9,7	6,1	8,5
	> 49 horas	24,2	16,8	21,6
Faixa de renda domiciliar per capita	<R\$ 500	3,9	3,6	3,8
	R\$500 -R\$1000	9,0	6,3	8,0
	R\$1000 -R\$1500	10,1	9,0	9,7
	R\$1500 -R\$2500	18,4	17,7	18,1
	R\$2500 -R\$5000	30,7	30,2	30,5
	>R\$5000	28,0	33,2	29,8
Macrorregião	Norte	10,5	8,4	9,7
	Sudeste	24,8	25,2	24,9
	Nordeste	41,1	42,9	41,7
	Sul	15,7	15,4	15,6
	Centro-Oeste	7,9	8,2	8,0
Possui TV	Não	3,7	2,9	3,4
	Sim	96,3	97,1	96,6
Possui Internet	Não	14,6	7,9	12,3
	Sim	85,4	92,1	87,7
Possui Computador	Não	54,2	44,9	51,0
	Sim	45,8	55,1	49,0

Fonte: resultados da pesquisa. (1) Todos aqueles que declararam ser da raça ou cor preta, parda, amarela ou indígena.

A Tabela 2 apresenta os resultados da regressão logística para identificar os determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil em 2019. Observa-se que as chances dos homens que residem em áreas urbanas são 15,6% menores de se tornarem empreendedores em comparação com os homens que residem na zona rural. Já para as mulheres, a probabilidade de elas serem empreendedoras residindo em área urbana é 7,2% menor em relação àquelas que

residem na zona rural, ou seja, a chance de ser empreendedor dos indivíduos homens que residem em áreas urbanas e menor em relação as mulheres que também residem em áreas urbanas. Essa diferença pode ser influenciada por diversos fatores, por exemplo, em áreas rurais podem existir menos oportunidades de emprego formal, o que pode levar as pessoas a buscarem alternativas de renda, o que evidencia o empreendedorismo por necessidade. Já em áreas urbanas, as oportunidades de emprego formal podem ser mais abundantes o que pode reduzir o incentivo ao empreendedorismo.

Os homens brancos apresentaram uma probabilidade de, aproximadamente, 21,3% maior de serem empreendedores em relação aos não-brancos, enquanto, as mulheres brancas, essa probabilidade foi de, aproximadamente, 18,7% maior do que as não-brancas. Em relação à faixa etária, tanto os homens quanto as mulheres tornam-se mais empreendedores à medida que envelhecem. Na faixa de idade entre 25 e 34 anos, as chances de ser empreendedor é, aproximadamente, idêntica, tanto para homens quanto, para mulheres, respectivamente, 1,8 e 1,7, vezes maior em relação aos indivíduos no estrato mais jovem para ambos os sexos.

Observa-se, também, à medida que as faixas de idade aumentam, a probabilidade de serem empreendedores cresce de forma mais acentuada entre os homens do que para as mulheres, de forma que, entre a faixa idade de 55 a 64 anos, a chance de ser empreendedor é 4,3 vezes maior para os homens, enquanto para as mulheres, essa chance é de 2,8 vezes maior. Ou seja, à medida que o homem e a mulher vão ganhando experiência no mercado de trabalho as chances de ser tornar empreendedores aumenta, sendo maior para homens. Parker (2009), argumenta que indivíduos mais velhos tendem a aumentar a probabilidade de se tornarem empreendedores.

No que diz respeito ao nível de instrução, verifica-se que as mulheres que têm fundamental completo tem uma probabilidade de 21,1% maior de ser tornar empreendedora em relação as mulheres com nível fundamental incompleto. Essa faixa de instrução não foi estatisticamente significativa para os homens, o mesmo acontece para faixa referente ao ensino médio para as mulheres. Os homens com nível de instrução médio completo tiveram uma probabilidade de ser empreendedor 32,2% menor do que aqueles com nível fundamental incompleto. Observando o estrato mais elevado do nível de instrução, tem-se que as mulheres com nível superior completo têm uma probabilidade de 35,1% menor de empreenderem em relação àquelas com fundamental incompleto. Para os homens, os resultados são ainda maiores, revelando uma probabilidade de empreenderem 53,0% menor em relação aos homens com fundamental incompleto. Em geral, os resultados mostraram que a probabilidade de os indivíduos empreenderem reduz com níveis de instrução mais elevados, e isso é mais evidente entre os homens do que para as mulheres. Esses resultados são consistentes com os achados de Tay (1996) e Taylor (1996), que mostram que à medida que os indivíduos atingem níveis mais elevados de educação, eles têm menos probabilidade de se tornarem empreendedores devido aos custos de oportunidade e riscos envolvidos.

Em relação ao número de moradores no domicílio, os resultados não foram estatisticamente significantes para homens. No entanto, as mulheres que residem em domicílios com dois moradores tiveram uma probabilidade de ser empreendedora de, aproximadamente, 18,7% maior do que àquelas com apenas um residente nesse domicílio. As mulheres com três ou quatro moradores no domicílio também tiveram uma probabilidade de ser empreendedora de 11,1% maior do que aquelas com apenas um morador, o resultado para esse estrato foi estaticamente diferente de zero com nível de significância de 10%, enquanto para as mulheres que têm mais de cinco moradores no domicílio o resultado não foi estaticamente significativo.

Por sua vez, as mulheres que trabalham entre 15 e 39 horas efetivamente em relação a todos os trabalhos, apresentaram uma probabilidade de ser empreendedora, cerca de 27%, menor em relação as mulheres que trabalham menos de 15 horas, diferente dos indivíduos do sexo masculino que apresentaram uma probabilidade de ser empreendedor de 15,8% em relação

a mesma faixa de horas de referência. Apenas as mulheres que trabalham mais de 49 horas apresentaram uma probabilidade de ser empreendedoras de 23,9% maior do que as mulheres que trabalharam menos de 15 horas.

Observando os resultados referente à faixa de renda domiciliar per capita, verifica-se que essa é outra variável importante para explicar o empreendedorismo feminino. Neste caso, as faixas de renda podem direcionar a escolha. A comparação desta variável foi em relação à faixa de renda domiciliar per capita menor que R\$ 500,00. As mulheres que estão inseridas na faixa de renda que varia entre R\$ 500 a R\$ 1000 reais, são menos propensas de empreenderem em relação àquelas no estrato de renda de referência, isto é, uma chance de empreenderem de, aproximadamente, 31,8% menor em relação às mulheres que possuem de renda domiciliar per capita inferior a R\$ 500. Para os homens dentro do mesmo estrato analisado, a probabilidade de empreender foi 23,3% menor em relação a mesma faixa de renda de referência. Mesmo observando o estrato de renda domiciliar mais elevado, isto é, aqueles indivíduos que possuem uma renda domiciliar per capita superior a R\$ 5000, observa-se uma menor probabilidade de empreenderem quando comparados aos indivíduos dentro da faixa de renda de referência. Para os homens essa chance é, aproximadamente, 32% menor, e para mulheres, os resultados mostram uma menor chance de empreenderem de, aproximadamente, 22% ao comparar com pessoas de ambos os sexos que estão na faixa de renda domiciliar per capita menor que R\$ 500. Ou seja, indivíduos com renda mais baixa podem ser motivados a empreender como forma de melhorar sua situação financeira, ou por falta de oportunidades de trabalho. Já aqueles que possuem renda mais alta podem optar por fazer outras formas de investimentos

Em relação as regiões do Brasil, tanto os homens, quanto as mulheres tiveram probabilidade menores de empreender quando comparados à região Norte. Observa-se que para os homens, essas menores chances de empreenderem em relação aos homens da região Norte, variaram entre 30,5% e 42,1% respectivamente, Nordeste e Sudeste. Já as mulheres, esse intervalo foi de 4,6% a 30,5%, respectivamente para as mulheres das regiões Nordeste e Sudeste comparativamente às mulheres do Norte do Brasil. Esses resultados são consistentes com o trabalho de Tamvada (2007), que enfatiza a importância da localização como determinante do empreendedorismo. Essa discrepância de ter mais autoempregados em relação à empregadores na região Norte do país, evidencia ainda mais o empreendedorismo por necessidade, pois região Norte é conhecida pelos baixos indicadores de qualidade de vida.

Em relação ao acesso à internet, computador e TV, verifica-se que os resultados não foram estatisticamente significantes para os homens. As mulheres que possuem computador no domicílio apresentaram uma probabilidade maior de ser empreendedoras de 23,1% em relação àquelas que não possuem acesso ao referido equipamento. Em relação ao acesso à internet, as mulheres que possuem acesso a esse serviço apresentaram uma probabilidade 14,4% maior em comparação com aquelas sem internet. Contudo, as mulheres que possuem TV, tiveram probabilidade 29,3% menor de empreenderem em comparação com aquelas sem acesso a esse item doméstico. Essas relações entre os recursos de comunicação/informação e o empreendedorismo podem ser explicadas por vários motivos, pois, o acesso ao computador e internet pode proporcionar maior alcance as informações, oportunidades de negócio e ferramentas para desenvolver e divulgar o empreendimento. Por outro lado, o acesso à TV não parece ser um instrumento útil, quando se pensa na construção e desenvolvimento do próprio negócio, uma explicação plausível, é que o tempo gasto navegando pela internet tem aumentado cada vez mais, conforme IAB Brasil (2014).

Tabela 2: Odds ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de brasileiros adultos ocupados na semana de referência em regressão logística, estratificado por sexo, PNADC de 2019.

Variáveis	Categoria	Homens		Mulheres	
		O.R	Std. Err	O.R	Std. Err
Raça	Não-branca				
	Branca	1.213***	(0.0294)	1.187***	(0.0350)
Situação do domicílio	Rural				
	Urbano	0.844***	(0.0243)	0.928*	(0.0341)
Faixa etária	18-24 anos				
	25-34 anos	1.840***	(0.0762)	1.702***	(0.0944)
	35-44 anos	2.532***	(0.104)	1.867***	(0.103)
	45-54 anos	3.187***	(0.137)	2.048***	(0.115)
	55-64 anos	4.325***	(0.196)	2.811***	(0.175)
Nível de instrução	Fundamental incompleto				
	Fundamental completo	0.976	(0.0361)	1.211***	(0.0594)
	Médio completo	0.678***	(0.0195)	1.020	(0.0375)
	Superior	0.470***	(0.0198)	0.649***	(0.0316)
Número de moradores no domicílio	Um				
	Dois	0.999	(0.0503)	1.187**	(0.0778)
	Três ou quatro	0.954	(0.0487)	1.111+	(0.0712)
	>Quatro	0.951	(0.0537)	1.106	(0.0807)
Faixa de horas efetiva em todos os trabalhos	<15 horas				
	15-39 horas	1.158**	(0.0585)	0.730***	(0.0320)
	40-44 horas	0.564***	(0.0275)	0.296***	(0.0134)
	45-48 horas	0.641***	(0.0357)	0.395***	(0.0242)
	> 49 horas	1.552***	(0.0820)	1.239***	(0.0688)
Faixa de renda domiciliar per capita	<R\$ 500				
	R\$500-R\$1000	0.767***	(0.0480)	0.682***	(0.0555)
	R\$1000-R\$1500	0.500***	(0.0302)	0.708***	(0.0561)
	R\$1500-R\$2500	0.504***	(0.0303)	0.616***	(0.0470)
	R\$2500-R\$5000	0.546***	(0.0335)	0.572***	(0.0434)
	>R\$5000	0.681***	(0.0450)	0.783**	(0.0639)
Macrorregião	Norte				
	Sudeste	0.579***	(0.0221)	0.695***	(0.0336)
	Nordeste	0.695***	(0.0255)	0.954	(0.0425)
	Sul	0.640***	(0.0267)	0.739***	(0.0387)
	Centro-Oeste	0.661***	(0.0290)	0.814***	(0.0419)
Possui TV	Não				
	Sim	0.981	(0.0585)	0.707***	(0.0561)
Possui Computador	Não				
	Sim	1.017	(0.0277)	1.231***	(0.0406)
Possui Internet	Não				
	Sim	0.991	(0.0337)	1.144**	(0.0509)
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob>F)		0.728		0.127	
Obs.		90.466		66.597	

Fonte: resultados da pesquisa. O.R (Odds Ratio ou Razão de Chance). + p<.10, * p<.05, ** p<.01, *** p<.001

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, nos concentramos em entender o perfil da mulher empreendedora, e os fatores associados à sua escolha de carreira entre ser empregadas assalariadas, ou empreendedoras no Brasil. Os resultados mostraram que os determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil, em 2019, são influenciados por uma série de variáveis socioeconômicas, demográficas e tecnológicas, bem como pelas características de cada indivíduo. O modelo para estimativa da escolha ocupacional mostrou que as seguintes variáveis têm efeitos significativos: situação do domicílio, raça, faixa etária, nível de instrução, número de moradores, rendimento domiciliar per capita, macrorregião, Tv, computador e internet.

A análise detalha as características individuais das mulheres que optaram pela escolha ocupacional de ser empreendedora, e nos leva a concluir que existem diferenças significativas no perfil das mulheres com relação às que optaram ou estão ocupando um emprego assalariado. As mulheres brancas apresentaram uma probabilidade significativamente maior de serem empreendedoras em relação as não-brancas. A mulher empreendedora tende a estar localizada na região Norte do país, e tem maior probabilidade de empreender quando residente na zona rural em comparação com áreas urbanas. A probabilidade de empreender aumenta à medida que a faixa etária avança. Mulheres mais velhas mostraram maiores chances de serem empreendedoras em relação as mais jovens.

Referente ao nível de instrução, os resultados indicaram, que em geral, à medida que o nível de instrução aumenta a probabilidade de as mulheres optarem pelo empreendedorismo diminui. Para mulheres, a presença de mais moradores no domicílio está associado a uma maior probabilidade de empreender. Em relação à faixa de horas efetivas em todos os trabalhos, as mulheres que possuem uma maior jornada de trabalho tendem a ter maior probabilidade de se tornarem empreendedoras em comparação com aquelas que menos de 15 horas efetivas de trabalho. Outro aspecto relevante refere-se à renda domiciliar per capita, uma vez que, acréscimos nessa renda reduz a probabilidade das mulheres optarem pelo empreendedorismo. Por fim, em relação aos meios de comunicação/informação, observou-se que mulheres que possuem acesso à computador e internet têm maiores chances de empreender em comparação com aquelas que não possuem esses recursos. No entanto, as mulheres que possuem TV, mostraram menor probabilidade de empreender. É importante destacar que os resultados sinalizam para um empreendedorismo por necessidade, uma vez que, características como elevados níveis de instrução e de renda domiciliar per capita reduzem a probabilidade das mulheres serem empreendedoras. Além disso, mulheres que convivem em lares com maiores quantidades de residentes eleva a probabilidades dessas tornarem-se empreendedoras.

Portanto, a análise fornece evidências empíricas que podem contribuir para a literatura e para o entendimento do empreendedorismo feminino no contexto brasileiro, auxiliando na compreensão dos principais determinantes, questões, desafios e oportunidades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras no Brasil. Ao explorar as relações entre diversas variáveis a pesquisa pode identificar padrões e tendências importantes relacionadas ao empreendedorismo em geral, mas, sobretudo ao empreendedorismo feminino, como a influência da idade, nível de instrução, renda e acesso a recursos comunicação/informação nas chances de empreender. Essa identificação de padrões pode ajudar na criação de políticas públicas, programas de incentivo e apoio a esse perfil empreendedor. Ao se concentrar nas mulheres empreendedoras, a análise também contribui para o enfoque na desigualdade de gênero, isso pode ajudar a chamar atenção para as barreiras enfrentadas pelas mulheres na busca do empreendedorismo e da desigualdade no mundo dos negócios, especialmente, considerando as diferenças de oportunidades entre grupos raciais.

Entretanto, é importante ressaltar que essas características representam uma visão geral com base nos dados analisados. Portanto, o estudo deve ser interpretado como uma visão geral e não como uma descrição completa de todas as mulheres empreendedoras no Brasil. A interpretação completa do perfil das mulheres empreendedoras requer análises mais aprofundadas das características nas escolhas feitas pelas mulheres, considerando o contexto socioeconômico, cultural e histórico específico do grupo estudado.

REFERÊNCIAS

- ÁCS, Z.; AUDRETSCH, D. **Handbook of entrepreneurship research: An interdisciplinary survey and introduction 2º ed.** New York: Springer, volume 1. Springer Science & Business Media, 2011.
- ALMEIDA, Ivana Carneiro; ANTONIALLI, Luiz Marcelo; GOMES, Amiralva Ferraz. Comportamento estratégico de mulheres empresárias: estudo baseado na tipologia de Miles e Snow. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 10, n. 1, p. 102-127, 2011.
- AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento.** Núcleo de Pesquisa da FINAN, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.
- ARCHER, K. J.; LEMESHOW, S. **Goodness-of-fit test for a logistic regression model fitted using survey sample data.** The Stata Journal, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 6, n. 1, p. 97–105, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1536867X0600600106>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.
- ARMINGTON, C.; ACS, Z. J. **The determinants of regional variation in new firm formation.** Regional studies, 36(1):33–45, 2002.
- AUDRETSCH, D. B., BELITSKI, M., e DESAI, S. **Entrepreneurship and economic development in cities.** The Annals of Regional Science, 55(1):33–60, 2015.
- BARROS, A. A. d. e PEREIRA, C. M. M. d. A. Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **Revista de administração contemporânea**, 12(4):975–993. 2008.
- BERNAT, L. F., LAMBARDI, G.; PALACIOS, P. **Determinants of the entrepreneurial gender gap in latin america.** Small Business Economics, 48(3):727–752, 2017.
- BLAU, D. M. A. **time-series analysis of self-employment in the united states.** Journal of political economy, 95(3):445–467, 1987.
- BRUIN, A., BRUSH, C. G; WELTER, F. **Advancing a Framework for Coherent Research on Women’s Entrepreneurship.** Entrepreneurship Theory and Practice, 31(3), 323–339, 2007.
- CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. K. **Microeconometrics: methods and applications.** 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CARPINTÉRO, J. N. C.; BACIC, M. J. **Empreendedorismo e desenvolvimento.** World Conference of Business Incubation–WCBI, São Paulo, 2001.
- CARREE, M. A., & THURIK, A. R. **The lag structure of the impact of business ownership on economic performance in oecd countries.** Small business economics, 30(1):101–110, 2008.
- _____. **The Impact of Entrepreneurship on Economic Growth.** Handbook of Entrepreneurship Research (pp. 557–594). New York, NY: Springer New York, 2010.
- CASSON, M. **The Entrepreneur.** TotowaNJ: Barnes & Noble Books, 1982.
- CASTANHAR, J. C. **Empreendedorismo e desenvolvimento regional no Brasil. Uma análise da relação entre a criação de empresas e o desenvolvimento regional ao longo do tempo e de estratégias de empreendedores selecionados.** Tese de Doutorado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa - Portugal, 2007.

COLEMAN, S. **The role of human and financial capital in the profitability and growth of women-owned small firms.** *Journal of Small Business Management*, 45(3), 303–319, 2007.

DEGEN, R.J. **O empreendedor: empreender como opção de carreira.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa: Uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa.** São Paulo; Ed. Sextante.2008.

DORNELAS, José . **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FAGGIO, G; SILVA, O. **Self-employment and entrepreneurship in urban and rural labour markets.** *Journal of Urban Economics*, 84:67–85, 2014.

FILLION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v. 34, n. 2, p. 05-28, 1999.

FOSSEN, F. M. **Gender differences in entrepreneurial choice and risk aversion – a decomposition based on a microeconomic model.** *Applied Economics*, 44(14), 1795–1812, 2011.

FURDAS, M. D; KOHN, K. **What’s the difference?! gender, personality, and the propensity to start a business.** IZA Discussion Paper N. 4778, available at SSRN. 2010.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil.** Relatório executivo. Curitiba. 2004.

_____. **Empreendedorismo no Brasil.** Relatório executivo. Curitiba. 2016.

_____. **Empreendedorismo no Brasil.** Relatório executivo. Curitiba. 2017.

_____. **Empreendedorismo no Brasil.** Relatório executivo. Curitiba. 2022.

GREENE, W. H. **Econometric analysis.** 8. ed. Harlow: Pearson, 2020.

GRILO, I; THURIK, A. R. **Entrepreneurship in the old and new europe.** In: **Entrepreneurship, Growth, and Innovation.** Página 75–103. Springer, 2006.

HALIM, N. A. A., & RAZAK, N. A. **Communication Strategies of Women Leaders in Entrepreneurship.** *Procedia -Social and Behavioral Sciences*, 118, 21–28, 2014.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael, P. **Empreendedorismo.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

I. A. B. Brasil. Conectado–Hábitos de consumo de mídia. IAB Brasil-Rede Brasil Conectado., 2014. Disponível em: < <https://iabbrasil.com.br/wp-content/uploads/2017/08/BRASIL-CONECTADO-H%C3%81BITOS-DE-CONSUMO-DE-M%C3%8DDIA-2014.pdf>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de Cadastro e Classificações. **Demografia das empresas e estatísticas de empreendedorismo.** 2018. Rio de Janeiro.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

KANGASHARJU, A. **Regional variations in firm formation: Panel and crosssection data evidence from finland.** *Papers in Regional Science*, 79(4):355–373, 2000.

MACHADO, H. V.; SILVEIRA, A.; HOELTGEBAUM, M.; GOUVEA, A. B. C. T. **Significados de sucesso e fracasso nos negócios: o que dizem mulheres empreendedoras.** Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 32, 2008, Rio de Janeiro: Anpad, 2008.

MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia Política**, v. 30, n. 2(118), p. 254-270, abr./jun. 2010.

MENEZES, G.; QUEIROZ, V. S.; FEIJO, F. T. **Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos.** Enaber, 2015

MERHY, Stephanie; NUNES, Alcina; NASCIMENTO, Thiago. **Gênero e empreendedorismo: fatores de influência em economias com diferentes níveis de rendimento**. In 24th APDR Congress. Covilhã, Portugal. p. 643-650. 2017.

MINNITI, M., & NAUDÉ, W. **Introduction: What Do We Know About The Patterns and Determinants of Female Entrepreneurship Across Countries?**. The European Journal of Development Research, 22(3), 277–293. (2010).

MORENO, S. E. C. Female entrepreneurship in a forced displacement situation: The case of Usme in Bogota. **Suma de Negócios**, 7(15), 61–72. 2016.

MUNHOZ, G. de S. **Quais as contribuições que o estilo feminino de liderança traz para as organizações empreendedoras**. Encontro Nacional de Empreendedorismo. Maringá, 2000.

NASSIF, V. M. J.; ANDREASSI, T.; TONELLI, M. J. FLEURY, M. T. L. **Mulheres Empreendedoras: Uma Discussão sobre suas Competências**. III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho/EnGPR. João Pessoa, PB, 20 a 22 Nov, 2011.

NAVARRO, M. J. P. JIMÉNEZ, A. M. Moderators elements of entrepreneurship. Gender differences. **Suma de Negócios**, 7(15), 47–53. 2016.

PÉREZ, C. P., & HERNÁNDEZ, M. A. Explanatory factors of female entrepreneurship and limiting elements. **Suma de Negócios**, 7(15), 25–31, 2016.

PARKER, S. C. **The economics of entrepreneurship**. 1 ed. New York: Cambridge university press, V. 1. 2009.

_____. **The economics of entrepreneurship**. Cambridge University Press 2018.

REYNOLDS, P., STOREY, D. J., E WESTHEAD, P. **Cross-national comparisons of the variation in new firm formation rates**. Regional studies, 28(4):443–456, 1994.

ROMÁN, S. M., & BRÄNDLE, G. Abilities and skills as factors explaining the differences in women entrepreneurship. **Suma de Negócios**, Volume 7, Issue 15, January–June, Pages 38-46. 2016.

ROSA, SS da .; ORELLANA, V. dos SQ .; MENEZES, GR. Determinantes do Empreendedorismo Feminino no Brasil e Regiões. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 690–713, 2020.

SILVA, Mariana Santos; LASSO, Sarah Venturim; MAINARDES, Emerson Wagner. Características do empreendedorismo feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, p. 150-167, 2016.

SERPA, M.; CELESTE, R. K. ; FOCHEZATTO, A. . Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil: aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando microdados da PNAD de 2015.. In: XXV Encontro de Economia da Região Sul, 2022, Porto Alegre. ARTIGOS SELECIONADOS, 2022. p. p. 1-18.

SILVEIRA, A.; GOUVÊA, A. B. C. T. Empreendedorismo feminino: mulheres gerentes de empresas. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 7, n. 3, art. 57, p. 124-138, 2008.

STOLCKE, V. **Mulheres e Trabalho In Estudos CEBRAP**. São Paulo, Cebrap/Vozes, n. 26, pp. 81-117, 1980.

TAMVADA, J. P. **Essays on Entrepreneurship and Economic Development**. 2007. Thesis (Doctoral in Economics) - Göttingen: University of Göttingen, 14 Dec. 2007.

TAY, R.S. **Degree of entrepreneurship: an econometric analysis using the ordinal probit model**. Canterbury: Lincoln University (Departament of Economics end Marketing discussion paper, n. 25) Nov. 1996.

TAYLOR, M. P. Earnings, Independence or Unemployment: Why Become Self-Employed? **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**. Oxford, v.58, n 2, p. 253-266, 1 May. 1996.

VIEIRA, J.P.; JACINTO, P. A. **Religião e empreendedorismo no Brasil: Uma análise utilizando modelos de escolha ocupacional**. 2013.

